

Pesos e medidas

Alexandra Ozorio de Almeida | DIRETORA DE REDAÇÃO

Que álcool em excesso faz mal, todo mundo sabe. A pergunta, para governos que definem políticas públicas e para quem gosta de beber, é: como se define excesso?

A resposta não é simples e muda à luz de novos conhecimentos. O limiar do tolerável depende, além do teor alcoólico da bebida e do tamanho da dose, de fatores como a idade de quem bebe, sexo, constituição física, genética, estilo de vida e estado geral da saúde. Mesmo estabelecidas as principais variáveis, não há consenso na literatura científica.

Há, sim, uma convergência na direção de que inexistente medida segura. Mesmo em quantidades mínimas, o álcool traz riscos à saúde, principalmente de problemas no coração, câncer, distúrbios mentais, cirrose, além de envolvimento em acidentes e violência física.

Essa convergência tem levado à revisão, por autoridades nacionais em diversos países, das recomendações de ingestão moderada de bebidas alcoólicas, mostra o editor Marcos Pivetta na reportagem que ilustra a capa desta edição (*página 12*).

Quatro anos atrás, a revista reportou a mudança na forma de mensurar o quilograma, a última das sete unidades fundamentais até então ainda calculada com base em um objeto físico (*veja o vídeo <https://revistapesquisa.fapesp.br/vale-quanto-pesa/>*). A medição do tempo já havia sido alterada na década de 1960, com a adoção de relógios atômicos para calcular a duração de 1 segundo, que passou a ser definida pelo tempo de transição de níveis de 1 átomo de césio 133 em repouso.

É assim que a ciência mede o tempo, mas e o cérebro, como cronometra segundos? Pesquisadores da UFABC, que procuram decifrar como diferentes regiões cerebrais codificam a passagem de intervalos breves, descobriram que essa

atividade não é realizada de modo contínuo por uma única área do cérebro, como se pensava. Ao menos duas regiões trabalham de forma coordenada e consecutiva na execução dessa tarefa, mostram experimentos com ratos (*página 54*).

A febre amarela, contra a qual não existe cura, é objeto de pesquisa promissora, desenvolvida por pesquisadores da USP e da Fiocruz em colaboração com cientistas norte-americanos. Foram identificados dois anticorpos humanos com potencial de tratamento que, quando administrados a roedores e macacos, permitiram que eles sobrevivessem à infecção pelo vírus causador dessa febre hemorrágica.

Lembrando que os resultados ainda são preliminares, a possibilidade de um tratamento a uma doença que mata entre 20% e 50% dos pacientes indica um novo caminho nos estudos dessa doença endêmica no Brasil (*página 50*).

Em pauta correlata, reportagem à página 36 mostra que investimentos públicos em pesquisas sobre doenças tropicais negligenciadas diminuíram significativamente no país nas últimas duas décadas. Febre amarela não integra mais o grupo, composto por moléstias como hanseníase e esquistossomose, que afetam principalmente populações e países pobres.

O tema é difícil, mesmo para adultos, então para educadores é oportuno o lançamento recente de livro gratuito com 62 verbetes sobre morte, luto e memória. Pensada para alunos do ensino básico, a publicação organizada por dois historiadores das universidades federais de Uberlândia e Pelotas tem como meta levar a discussão sobre como lidar com questões relativas à finitude humana para dentro das escolas desde cedo, de forma crítica, reflexiva, e fundamentada na ciência (*página 84*).